

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: AUTO- ESTIMA E A DIMENSÃO AFETIVA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

Laura Maria Silva Araújo Alves
Universidade Federal do Pará-Brasil
laura_alves@uol.com.br

Resumo

A pesquisa objetiva diagnosticar a auto-estima de alunos e professores de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental em uma escola pública situada na região amazônica, no município de Belém do Pará, Brasil. Participaram da pesquisa 15 professores e 40 alunos. Para tal pretendeu-se investigar entre professores e alunos: (1) identificar os principais fatores desencadeadores da baixa auto-estima; (2) indicar as situações mais conflitantes em sala de aula; (3) verificar as principais ações e/ou medidas de intervenções para diminuir os conflitos. Como procedimento metodológico utilizou-se questionário e entrevista para mapear o perfil motivacional de alunos e professores. A problemática mais complexa está localizada no ambiente de sala. Constata-se cotidianamente nos professores um sentimento de frustração, exaustão em relação ao trabalho desempenhado, causando uma sensação de inquietação que aumenta à medida que as exigências da sala de aula se acumulam. Os alunos, por sua vez, também se sentem desmotivados, desinteressados e se irritam com os comportamentos dos professores que os colocam em constante pressão psicológica, o que leva, muitas vezes, os alunos apresentarem comprometimentos na sua aprendizagem. Enfim, tanto professores com alunos apresentam um conjunto de conflitos que resultam em baixo nível de motivação e auto-estima.

INTRODUÇÃO

Em uma ação conjunta do Governo do Estado do Pará, por intermédio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-PA), e da Universidade Federal do Pará (UFPA), com vistas a fomentar a integração da educação superior e com a educação básica, a presente pesquisa tem como ponto central apoio psicopedagógico no desenvolvimento do autoconceito acadêmico e a auto-estima entre professores e alunos da 5ª a 8ª séries do ensino fundamental em uma escola pública situada na região amazônica, no município de Belém do Pará, Brasil.

A auto-estima e autoconceito são indubitavelmente um dos assuntos que circundam hoje a educação brasileira. Autoconceito e a auto-estima refere-se à representação da avaliação afetiva que a pessoa tem de suas características em um determinado momento. O autoconceito é a percepção que a pessoa tem de si mesma. Já a auto-estima é a percepção que ela tem do seu próprio valor. Ou seja, em termos práticos, a auto-estima se revela como a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos da vida.

No que se refere à auto-estima e autoconceito de professores e alunos as questões que norteiam esse estudo são: que razões possam levar professores e alunos a alimentarem sentimentos de desvalia por si mesmo? Até que ponto as experiências de insucesso escolar e a discriminação social têm relação direta com sua auto-estima baseado nessa imagem? Em que medida o autoconceito acadêmico está relacionado com o desempenho acadêmico e com motivação de professores e alunos? Quais os fatores que desencadeiam níveis baixos de auto-estima entre professores e alunos? Como superar a desmotivação escolar entre professores e alunos que afetam diretamente o seu autoconceito e auto-estima?

Pesquisas desenvolvidas por estudiosos sobre a motivação e aprendizagem apontam que o autoconceito acadêmico está relacionado com o desempenho acadêmico. Nas décadas de 1970 e 1980 pesquisas voltadas para a análise da auto-estima no contexto de sala de aula ganharam força significativa. Os estudos realizados demonstraram que a auto-estima do aluno é afetada pelo fracasso escolar e a dos professores com o descontentamento com a profissão.

Em 1984, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, foi realizado um estudo sobre a auto-estima por meio de uma comissão de especialista (psicólogos, sociólogos e pedagogos). Eles investigaram que auto-estima pode ser aprendida, uma vez que depende da situação psíquica da pessoa e esta pode ser modificada. Além disso, apontam que a auto-estima depende ainda a maneira pela qual se desenvolve, desde a infância, sua segurança, autoconceito, senso de pertença, motivação e competência, e os integrou em sua personalidade. Quando aprende a modificar de maneira positiva sua própria atuação e sua forma de realizar-se, o sujeito capacita-se a desenvolver mais ou menos satisfatoriamente sua própria auto-estima.

O autoconceito nasce da percepção que o aluno tem das suas habilidades e competências. O fato de se considerar “bom” ou “ruim” pode acabar influenciando o seu desempenho escolar na medida em que poderá afetar o seu grau de esforço, de persistência e o seu nível de ansiedade. Ou seja, a auto-estima e o desempenho andam de mãos dadas alimentando-se mutuamente. Desse modo, é possível dizer que é preciso haver um certo nível de auto-estima para que o aluno alcance sucesso escolar e desenvolva satisfatoriamente a aprendizagem.

Teorias psicológicas constataam que o aluno que entra na escola com medo do fracasso tende a desencadear sentimento de insegurança. À medida que passa a ter no fracasso a sua “marca registrada”, o aluno desenvolve uma autopercepção negativa de si mesmo. Experiências sistemáticas de insucesso causam no aluno um autoconceito que obedece a um processo de internalização que, segundo Vygotsky, está relacionada com o mundo externa, isto é, com pessoas ou situações sociais. Com a continuação do contato e com o passar do tempo, esse processo, que era interpessoal, passa a ser internalizado, tornando-se intrapessoal.

O autoconceito procede de processos cognitivos. Ele é fruto da percepção que a pessoa tem de si mesma. Como todo processo de percepção, está sujeito a uma série de fatores externos e internos à própria pessoa. Informações que vamos colhendo aqui e ali, a nosso respeito, fruto de opiniões alheias, formam, possivelmente, os primeiros rudimentos do nosso autoconceito. A essas informações vão se somando aquelas originárias das avaliações que nós próprios fazemos dos nossos desempenhos, das nossas ações, das nossas habilidades, competências e características pessoais.

Para Vygotsky as pessoas têm suas identidades sociais construídas nos encontros interacionais dos quase participam na medida em que aprendem a se construir a partir dos interlocutores. Ou seja, a concepção de Vygotsky de que nossas identidades como pessoa só podem existir no contexto social, visto que nossas capacidades de pensar sobre si mesmo é construída no social, tendo a interação como força mediadora. Essas identidades são múltiplas e estão sempre em processo de construção e reconstrução.

O conhecimento que o sujeito faz de si, não é inato, ou seja, não nascemos com o conceito pronto de nós mesmos, ao contrário, ele é construído e definido ao longo do desenvolvimento do sujeito graças às experiências de sucessos e fracassos vividas no ambiente familiar, escolar e social. Em outras palavras, a criança, nos primeiros anos de vida, recebe a informação sobre si dos pais e dos familiares próximos. É sabido que a criança permanentemente desaprovada em suas ações pode, pelo mesmo processo, reagir negativamente, como forma de defesa ou retaliação, não só aos pais, como também a si mesmo. Sobre isso fala Moysés (2001, p. 26):

Tudo isso nos leva a constatar a importância dos pais e dos “outros significantes” (que nada mais são do que as pessoas que a criança considera importantes) para a formação do autoconceito e da auto-estima da criança. É como eles que a criança estabelece as relações mais significativas para a formação da sua identidade. Nas suas mãos estão o poder e o controle e, com conseqüência, a aprovação e a recompensa ou a reprovação e o castigo.

Moysés (2001) diz que é por meio do jogo de prêmio e castigo, de aprovação e reprovação que essas figuras vão influenciando sobre a estrutura inicial do seu auto-conceito. Além dessa influência estão também presentes as influências de ordem social e contextual, ou seja, os aspectos externos da formação do autoconceito.

A mãe e o pai exercem um papel importante por a criança enxergá-los como um ser total que ela possui como referência para se identificar e distinguir e se por algum motivo não ocorrer o processo de diferenciação a identidade infantil ficara comprometida e acaba se resumindo apenas no reflexo de seus pais. A mediada que a criança cresce e amplia seu círculo de relações aparecem outras pessoas significativas que influenciam paulatinamente suas informações sobre

si. No caso da escola, o professor pode interferir no desempenho do aluno, pois é o momento dele fortalecer desafios, encorajar as tentativas de realizações dos alunos, de modo que, se eles fracassarem no desempenho de alguma habilidade, o professor estará presente para desenvolver a autoconfiança em si.

Desse modo a criança ao entrar na escola carrega consigo uma autoconfiança e, portanto preparada para enfrentar as exigências escolares com sucesso e ostentar níveis satisfatórios de baixa auto-estima. Entretanto, para algumas crianças a escola passa a ser sinônimo de sofrimento e fracasso, sendo ameaçado o seu sentimento de auto-valorização. Geralmente, essas crianças apresentam determinadas dificuldades na aprendizagem e de adaptação as exigências da escola.

Pesquisas desenvolvidas recentemente por psicólogos e pedagogos apontam que à medida que o aluno passa a ter no fracasso a sua marca, mais difícil se torna qualquer iniciativa visando alterar a auto-percepção negativa de si. Em geral, o sentimento é de insegurança, fracasso e insucesso. Diante desse quadro a evasão passa então a ser recorrentemente o caminho de muitos desses alunos. Abandonar os estudos após ter vivenciado um experiência de insucesso escolar, acaba provocando no aluno a saída prematura do processo educacional formal.

Experiências desfavoráveis vivenciadas na escola têm levado os professores e os alunos à auto-estima negativa, interferindo significativamente nas relações interpessoais dentro da instituição de ensino. As conseqüências geradas pela insatisfação docente têm reflexo na sala de aula e contribui diretamente para o desinteresse dos alunos e para a menor qualidade do processo de ensino-aprendizagem. A insatisfação docente entra em um quadro exacerbado psicológico que afeta o seu autoconceito e sua auto-estima. A auto-estima docente positiva é condição muito importante à construção positiva da auto-estima discente.

Estudo sobre a relação entre a auto-estima e a evasão vem sendo investigada há alguns anos por diversos pesquisadores da educação e da psicologia. Pesquisa realizada por Walz e Bleuer (apud MOYSÉS, 2001) indicam que os alunos evadidos tendiam a ter um nível de baixa auto-estima do que os que ficavam. Outra pesquisa constatou que dentre os sete principais fatores que concorrem para a evasão escolar, quatro estariam relacionados com auto-estima. Alunos evadidos tendiam a cultivar o sentimento de que lhes falta inteligência ou habilidade para se sair bem nos estudos e apresentavam um nível baixo de auto-estima.

Portanto, entre os fatores que afastam os alunos da escola e conseqüentemente a evasão a é sem sombra de dúvida a reprovação. Com relação ao professor, por sua vez, apesar de complexo, o problema apresenta elementos que permitem algumas inferências. Estudos direcionados a sobre a profissão docente, constataam que geral os professores com baixa auto-estima apresentam

recorrentemente transtornos mentais e que afetam o trabalho docente interferindo nas relações interpessoais e tornando a prática docente em um exercício de solidão.

Em pesquisas realizadas no Brasil sobre Satisfação/Insatisfação dos professores, os pesquisadores constataram que os professores desenvolvem sentimentos de baixa auto-estima decorrente de baixos salários, desvalorização da profissão, condições inadequadas de trabalho, desmotivação com a profissão entre outras. Arelado a isso, o estresse da profissão contribui significativamente para a desmotivação com a profissão.

O descontentamento com o trabalho docente tem sido cada vez mais acentuado o que acarreta nos professores algum problema de saúde relacionado à profissão como: dor de garganta e fadiga mental, além de inúmeros problemas de relacionamento com os alunos em sala. As condições de trabalho do professor, a sobrecarga ocupacional contribui para o processo de stress sob a forma de *Síndrome de Bournout*, que afeta também outros profissionais que atuam diretamente com pessoas.

Sabe-se que os fatores que levam professores e alunos a terem auto-estima baixa não são tão óbvios como se poderia supor. O fato de ambos os sujeitos se auto atribuírem ou de se rotularem alguém como tendo uma auto-estima baixa precisa ser vista com muito cuidado, pois que encerra múltiplas facetas.

OBJETIVOS

O presente estudo de cunho psicopedagógico tem o objetivo primeiro de diagnosticar o autoconceito acadêmico e a auto-estima de alunos e professores de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental na Escola Estadual D. Pedro. Em seguida, a partir do diagnóstico, será elaborado um processo de intervenção para melhora do autoconceito e auto-estima de professores objetivando ajudar os alunos e professores a superarem suas dificuldades iniciais de forma a favorecer nos alunos uma aprendizagem com sucesso e nos professores uma melhor satisfação com a prática docente. Para tal pretende-se:

- (1) identificar os principais fatores desencadeadores da baixa auto-estima;
- (2) indicar as situações mais conflitantes em sala de aula;
- (3) verificar as principais ações e/ou medidas de intervenções para diminuir os conflitos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio D. Pedro I, fundada em 23 de junho de 1973, com o objetivo de atender os desígnos da Lei Nº 5691/71 que normatiza a preparação para o trabalho do Ensino Fundamental, sendo que esta atenderia a

partir da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, 3ª e 4ª Etapas do EJA do Fundamental e com 1ª a 3ª séries do Ensino Médio Regular. A escola atende grande parte dos adolescentes, jovens e adultos do bairro de Val-de-Cães, funcionando com as turmas nos três turnos (manhã, tarde e noite).

Atualmente, a E.E.E.F.M. D. Pedro I atende aproximadamente nos três níveis de ensino 1.668 alunos, na faixa etária de 10 a 50 anos. A Escola possui com uma equipe pedagógica composta por 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 supervisora, 01 orientadora e uma equipe de apoio como: bibliotecária, secretária, agente administrativo, escrevente, inspetor, servente, merendeira e vigias. Quanto ao ambiente físico a escola é edificada em um terreno relativamente grande onde se encontram salas de aulas que funcionam em 06 blocos, além de áreas livres, que serve para abrigar os alunos durante o recreio a outras atividades pedagógicas, e um campo de vôlei coberto para atividades de educação física. A escola possui ainda um pequeno auditório que em geral é utilizado para apresentações, reuniões e outras atividades, secretaria, sala dos técnicos, sala dos vigias, uma biblioteca, sala dos professores e banheiros.

A E.E.E.F.M. D. Pedro I está fundamentada nos princípios da teoria construtivista quando reconhece a importância da participação do aluno na construção do seu conhecimento e ao mesmo tempo, a importância da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo. O Ensino é baseado na realidade do aluno, vinculado a temas transversais e a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, cujas produções são culminadas ao final de cada bimestre letivo. O rendimento escola é acompanhado sistematicamente, através de instrumentos específicos que objetivam detectar avanços, dificuldades, evasão e repetências. A metodologia aplicada visa incentivar a pesquisa, a criatividade, a participação, ou seja, a construção de um novo conhecimento e de novas posturas pela ação/intervenção dos sujeitos cidadão.

PARTICIPANTES

A pesquisa de diagnóstico e intervenção foi desenvolvida com professores e alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Participaram 15 professores e 40 alunos. Para tal pretendeu-se investigar entre professores e alunos: (1) identificar os principais fatores desencadeadores da baixa auto-estima; (2) indicar as situações mais conflitantes em sala de aula; (3) verificar as principais ações e/ou medidas de intervenções para diminuir os conflitos. Como procedimento metodológico utilizou-se questionário e entrevista para mapear o perfil motivacional de alunos e professores. A problemática mais complexa está localizada no ambiente de sala.

Os alunos são na sua maioria moradores em áreas mais afastadas a escola como: Conj. Providência, Elo Perdido I e II, C anal de São Joaquim, do Benguí e Pratinha. São na sua totalidade oriunda de famílias de baixa renda, filhos de pais assalariados ou trabalhadores do mercado informal. Há também uma minoria dos alunos trabalhadores. Com relação aos professores a maioria tem mais de três anos trabalhando na escola e desenvolve outras atividades docentes.

INSTRUMENTOS

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na *primeira etapa*, coletamos dados quantitativos de modo a avaliar a motivação de alunos e professores da escola, sobretudo o processo de autoconceito acadêmico e auto-estima. Portanto, foi aplicado o mesmo questionário com os 15 professores e com os 40 alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. O questionário foi então o instrumento para a pesquisa exploratória.

Segundo Marconi & Lakatos (1986), a pesquisa exploratória pode ser realizada por meio do contato inicial com pessoas envolvidas com o fenômeno estudado e serve para precisar o que (ou quem) interessa efetivamente analisar. O questionário abrangeu perguntas permitindo ao informante emitindo sua opinião através de uma escala que foram agrupadas em seis categorias motivacionais: comportamento, satisfação acadêmica, satisfação pessoal, autoconceito, auto-estima e saúde mental. A intenção foi fazer um levantamento sobre o autoconceito e auto-estima de docentes e discentes no sentido de elaborar um diagnóstico preciso das motivações de ambos e as interferências negativas no processo ensino-aprendizagem.

A abordagem quantitativa indica quantificar dados e é utilizada no desenvolvimento das pesquisas descritivas, na qual se preocupa descobrir e classificar a relação entre variáveis. A abordagem quantitativa, quando não exclusiva, serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Nesse processo de abordagem a coleta de dados é cumulativa e linear e a frequência da incidência é controlada e mensurada, e a análise é feita mediante correlações estatísticas.

Na *segundo etapa*, de abordagem qualitativa, foi realizadas ações de intervenção psicopedagógica na melhoria do processo de autoconceito e auto-estima. Pretendeu-se a partir dos dados do questionário estabelecer estratégias de intervenção com programa de ações voltadas para a situação pedagógica de atendimento proporcionando o estabelecimento de confiança em si mesmo, instalação do entusiasmo e valorização dos avanços e acertos, elementos que, sem dúvida, concorrem para que as professores e alunos, tenham resgatada a sua auto-estima e da motivação pela aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Entre os diversos aspectos envolvidos no processo ensino aprendizagem escolares preocupante no contexto dessa escola está postulado a dimensão motivacional entre professores e alunos. Segundo os dados, o estresse ocupacional (Síndrome de Burnout) entre os professores de 5ª a 8ª séries tem sido a problemática mais complexa pois afasta os alunos do ambiente de sala .

Constatamos que cotidianamente nos professores um sentimento de frustração, exaustão em relação ao trabalho desempenhado, causando uma sensação de inquietação que aumenta à medida que as exigências da sala de aula se acumulam. Muitos se mostram desmotivados, desorganizados e se irritam frequentemente com os alunos e por qualquer motivo entram em conflito com os alunos. Os alunos, por sua vez, também se sentem desmotivados, desinteressados e se irritam com os comportamentos dos professores que os colocam em constante pressão psicológica, o que leva, muitas vezes, os alunos apresentarem comprometimentos na sua aprendizagem. Enfim, tanto professores como alunos de 5ª a 8ª séries da E. E. E. F D. Pedro I apresentam um conjunto de conflitos que resultam em baixo nível de motivação, de autoconceito e auto-estima.

Quanto às queixas mais recorrentes dos professores são: (1) Desmotivação, Estresse e Ansiedade; (2) Distanciamento com a direção; (3) Sentimento de desvalorização da profissão; (4) Baixa assiduidade; (5) Desinteresse pela aula (6) Falta de habilidade para lidar com as dificuldades dos alunos. Percebe-se entre os professores uma insatisfação com a docência em si e o descontentamento decorre, sobretudo das condições de trabalho e da insatisfação pessoal com a docência.

Quanto às problemáticas mais recorrentes que a escola enfrenta com os alunos são: (1) problemas de comportamentos com agressividade e desinteresse; (2) dificuldades de aprendizagem; (3) Reprovação e repetências; (4) Indisciplina em sala de aula; (5) Afastamento temporário da escola e (6) Evasão escolar.

Esses elementos têm levado a muitos professores à auto-estima negativa, interferindo, sobretudo nas relações interpessoais no ambiente escolar. Essa situação de insatisfação docente tem refletido diretamente para o desinteresse dos alunos e para a menor qualidade do processo de ensino-aprendizagem em nossas escolas. Sem dúvida, a auto-estima docente positiva é condição muito importante à construção positiva da auto-estima discente.

Segundo Lipp (2002), os problemas mais recorrentes entre os professores relacionados a baixa auto-estima são aqueles diretamente envolvidos no stress ocupacional. Entre os comportamentos mais recorrentes estão: a falta de capacidade para lidar com questões pertinentes ao próprio trabalho, a necessidade de manutenção da disciplina entre os alunos, a sobrecarga de trabalho extraclasse, o trato e as relações interpessoais com os colegas também professores, clima

agradável da escola, condições impróprias para o exercício do magistério. Além disso, tudo há também a insatisfação com o salário e o desprestígio com a profissão.

Outro problema indicado pelos professores é a falta de habilidade para lidar com o cotidiano da escola, sobretudo com alunos que apresentam problemas de comportamento e de aprendizagem. O despreparo do professor para lidar com os alunos tem como consequência um professor estressado e um aluno certamente discriminado, com grandes chances de ampliar as dificuldades. Concordamos com vários autores quando dizem que o professor, muitas vezes, contribui e tem papel decisivo no processo de discriminação, estereótipos e preconceitos, pois na maioria das vezes não entende o comportamento disfuncional do aluno como um distúrbio e sim como crueldade, falta de educação e provocação para chamar a atenção. É certo que o comportamento inadequado da criança pode ter outra explicação, mas geralmente o professor bem preparado tem a capacidade de discernimento e assim ajudar o aluno. Os dados revelam que a maioria dos professores se sentem despreparados para lidar com as adversidades vivenciadas no contexto escolar. Eles se sentem vulneráveis e sem habilidades para lidar com problemas complexos em sua sala de aula.

É também apontada pelos professores a desvalorização com a profissão como um fator que mais contribui para uma baixa auto-estima. Sabe-se que com o passar dos anos a remuneração e a sobrecarga de aulas afetam, de um lado, o padrão de vida compatível com a exigência e pressão que a carreira pede e, de outro lado, a qualidade do trabalho do professor que em geral fica comprometida.

No caso dos alunos é recorrente após uma história de fracasso, o mau desempenho vem se juntar a baixa auto-estima, gerando uma situação que os arrasta para a evasão escolar. Quando o aluno é reprovado tende a incorporar como parte do seu autoconceito a informação de que é “intelectualmente incapaz”. Para a psicologia, acontece um fenômeno curioso. Aquilo que deveria estar restrito apenas à área cognitiva acaba se expandindo, tomando conta da pessoa. A evasão passa a ser um caminho natural para muitos alunos, e muitos acabam saindo prematuramente do processo educacional formal. É fato que grande maioria se evade porque simplesmente não consegue mais tolerar novos fracassos e sentimentos incomensuráveis de baixa auto-estima e de autodesvalorização.

Os dados indicam que os alunos percebem muito mais suas qualidades negativas e detrimentos as qualidades positivas. O autoconceito é uma atitude valorativa que o sujeito tem sobre si mesmo, sobre sua própria pessoa. Além disso, desempenha um papel central no psiquismo do sujeito, pois se trata da estima, dos sentimentos, experiências que ele desenvolve sobre seu eu. É fundamental o sujeito ter um autoconceito positivo para que o indivíduo consiga uma adaptação adequada, para a felicidade pessoal e para o desempenho eficaz.

A maior parte dos partícipes respondeu que se considera amigo, companheiro, compreensivo e solidário, demonstrando que quando o sujeito não possui um autoconceito adequado, ele pode não estar aberto as suas próprias experiências afetivas, e principalmente aos aspectos desfavoráveis de seu caráter. Com relação ao autoconceito dos alunos sobre si, suas qualidades, defeitos e o que precisa melhorar, constatamos que a maioria dos alunos mencionou que são amigos, companheiros, compreensivos e solidários.

Com relação aos seus defeitos a resposta mais recorrente foi a ansiedade e impaciência. Os resultados apontam que a vida acadêmica propicia na maioria dos alunos padrão de comportamento mais maduro, com uma independência pessoal significativa e autoconhecimento das suas limitações. Em seu processo de formação, o aluno se depara com um conjunto de desafios pessoais no quais muitos se vêem estimulados a enfrentá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A auto-estima é uma poderosa necessidade humana, sendo, portanto indispensável para um desenvolvimento normal e saudável. A auto-estima positiva funciona como um sistema que fornece resistência, força e capacidade de regeneração. Quando é baixa a auto-estima, a resiliência da pessoa diante da vida e suas adversidades diminuem. Contudo, quanto mais elevada for a auto-estima, mais disposta a pessoa estará para atingir seus objetivos.

Desse modo, os dados indicam que é necessário desenvolver um trabalho psicopedagógico de intervenção com atividades artísticas, esportivas de lazer, trabalho que permita a maior integração dos professores as suas prática educativas com um auto-estima positiva e atender as necessidades dos alunos no sentido de adaptá-lo à escola e a sala de aula. Além disso, elaborar atividades pedagógicas coletivas com diálogos permanentes e outras atividades como seminários, palestras, conferências etc, na formação de professores e na adaptação saudável dos alunos à escola.

Para melhorar a auto-estima e autoconceito de professores e alunos apontamos as principais ações e/ou medidas de intervenções para diminuir os conflitos:

- Fortalecer e desenvolver o autoconceito acadêmico e a auto-estima dos alunos e professores;
- Buscar estimular no aluno a auto-estima, à dedicação e interesse pelos estudos de forma a diminuir a repetência e o chamado “fracasso escola”;
- Desenvolver habilidades e competências nos alunos de modo a eliminar a desmotivação pela escola e pela aprendizagem;
- Promover a integração de alunos e professores eliminando o conflito e sentimento insucesso;
- Melhorar a qualidade do ensino em sala de aula, priorizando ações que torne interessante o momento da aprendizagem;

- Criar estratégias visando à formação de um autoconceito positivo entre alunos e professores;
- Instrumentalizar os professores a lidar com o estresse ocupacional;
- Instrumentalizar os alunos a desenvolver uma melhor adaptação escolar e sucesso na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter I; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis:Vozes, 1985.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús & Colaboradores. Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia da educação escolar. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HEIDER, Fritz. Psicologia das Relações Interpessoais. São Paulo: Pioneira, 1970.
- LIPP, Marilda. O stress do professor. Campinas, SP:Papirus, 2002.
- MOYSÉS, Lucia. A auto-estima se constrói passo a passo. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- _____. Efeitos dos tratamentos de valorização pessoal e de clarificação de valores sobre a auto-estima de menores institucionalizados. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC/SP, 1982.
- _____. O desafio de saber ensinar. Campinas:Papirus, 1994.
- _____ e outros. Mudanças na auto-estima em crianças de baixo nível socioeconômicos. Educação e Realidade. Vol. 10, nº 2, maio/ago., 1985, p. 33-44.
- OLIVEIRA, Ivone M. de. Preconceito e autoconceito: identidade e intervenção na sala de aula. Campinas:São Paulo, 1994.
- PATTO, M.H.S. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
- VOLI, Franco. A auto-estima do professor: manual de reflexão e ação educativa. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1987.